

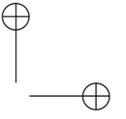
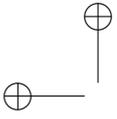
# Porquê o inumano?



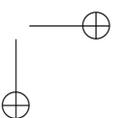
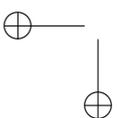
José António Domingues

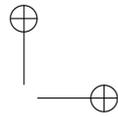
2005

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)



Luso**Sofia**:press





## *Porquê o inumano?\**

José António Domingues

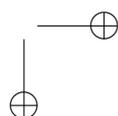
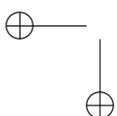
*Para o Gil*

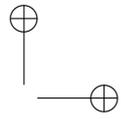
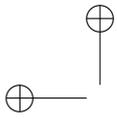
Lyotard escreve na abertura do texto *L'Inhumain* (1988) que o humano deve tornar-se inumano. Um inumano que é uma insistência da arte das vanguardas e da crítica da cultura. Mas porque se interroga o humano, ou, nos termos de Lyotard, porquê o inumano? No estudo sobre o diferendo de *Le différend*, Lyotard ainda diz que o sentido de inumano é incompatível com a Ideia de humanidade<sup>1</sup>. O estudo declara para cada faculdade um modo de frase e reflecte este modo como um modo de encadear do pensamento (assim eu penso verdadeiro, eu penso justo, segundo regras heterogêneas) e fala do juízo da 3<sup>a</sup> Crítica kantiana como *meio*, aquele a partir do qual se dividem as faculdades e o encadeamento das frases, como um estado do pensamento, uma faculdade, ainda, uma faculdade credora de todas as outras, que suporta o pensamento e a sua relação. Deste modo o humano e o inumano são modos de frases distintas, embora encadeiem, o que se considera um orientar das frases heterogêneas para uma sequência ou uma identidade de sentido. A antinomia do humano e do inumano é trazida

---

\*Comunicação ao Congresso Internacional da AFFEN – Associação Portuguesa de Filosofia Fenomenológica, Coimbra, Março de 2005

<sup>1</sup> Jean-François Lyotard, *Le différend*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1983, §31.

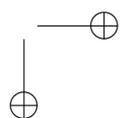
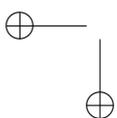


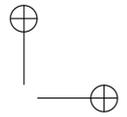


para o âmbito da frase. Lyotard explica que as frases – éticas, jurídicas, políticas, históricas – determinam o acontecimento que o humano é, o que a Ideia de humano quer dizer, e onde esta Ideia está necessariamente em jogo, o que especifica a espécie humana e a apresenta. Apresentam a Ideia de uma humanidade. Esta Ideia de uma humanidade vem validar o objecto encontrado pelas ciências humanas (psicologia, sociologia, pragmática, filosofia da linguagem), objecto pressuposto, crido de determinada maneira pelo destinador, que o destinatário entende bem, de acordo com os procedimentos *cognitivos*, procedimentos que apresentam a verdade do que se fala na forma de caso, isto é, tornada objecto intuível, dada no espaço e no tempo. Que estará na origem deste conhecer-pressupor, conhecer-criar? Lyotard di-lo claramente: «uma relação de instrumentalidade entre os pensamentos e a linguagem»<sup>2</sup>). Para indagar as propriedades desta entidade humana pressupõe-se uma linguagem que serve de meio aos fins do pensamento. A Ideia é pois a instância pela qual circunscrições heterogéneas discernidas no *medium* da linguagem se legitimam. Uma ideia de homem, de acção, de vontade, de boa vontade, existe como questão de linguagem. Mesmo se as circunscrições são incompatíveis com uma Ideia de humanidade – as circunscrições inumanas (as circunscrições inumanas dão-se a ver na inumanidade dos testemunhos de Auschwitz, testemunhos de um humano impossível) –, acabam por introduzir um significado e ter lugar no conhecimento da Ideia. A Ideia é, neste estudo, para Lyotard, o fio condutor do encadeamento das antinomias. Neste contexto, o inumano é autorizado pela Ideia de uma humanidade que transporta a Ideia de uma finalidade, uma espécie de intenção, que não pode ser apresentada, mas agencia as frases de modo a obter-se um mesmo fundo de pertença. Exibe-se, por consequência, um pensamento de relação, mas este pensamento de relação obedece somente ao modelo tecnológico da linguagem. O pensamento é uma questão de encadeamento, dito

---

<sup>2</sup> *Idem*, §32.

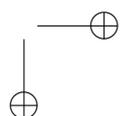
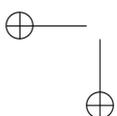


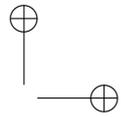


de outro modo, uma exigência de continuar, mas a partir de uma rígida ontologia de frases. Tratar-se-á fundamentalmente de um esforço contínuo para elaborar o modo de continuar como pensar, justamente um pensar seguindo a *faculdade* da frase.

No texto *Le différend*, a Ideia exige o dever de pensar o inumano como expressão do humano, na medida em que a Ideia emprega todas as formas de frases como dizer da sua abstracção. Assim a Ideia fica de posse de uma ontologia da linguagem para legitimar o bom julgamento (o bom encadeamento) e o bom pensamento, mas, de facto, como uma só regra universal de julgamento, pois o encadeamento é levado a cabo por si, é um encadeamento decidido em si. Ora, o inumano é como um locutor recusado e expirado nesse pensamento. A questão do inumano é resolvida no acto e na actualidade da intuição da Ideia pronunciada – o que quer dizer que a Ideia funciona segundo um padrão pragmático.

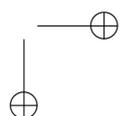
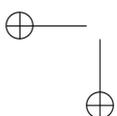
O inumano nos escritos *L'inhumain* e *Moralités postmodernes* passa por toda uma outra inquietude, como é a que Lyotard considera imperscrutável e chama o Sistema – o Sistema representa um processo de complexidade e de desenvolvimento por onde passam as tendências contemporâneas da ciência, tecnologia, filosofia, que coincidem com um discurso de física. O discurso de física é o discurso de metafísica – desde Aristóteles. Também por onde um decisionismo político ou sócio-económico fundamenta as suas opções de competitividade, melhor partilha, democracia na sociedade, uma nova empresa, escola e família – um processo de um desenvolvimento que para Lyotard interdiz o pensamento de estabelecer o seu direito sobre ele. Logo o desenvolvimento não pertence *ao* pensamento (no sentido de ser interior ao pensamento), quer dizer, não é, *de jure*, metafísica (aquela metafísica que se diz filosófica). Diz-nos tal desenvolvimento, todavia, como a metafísica se estabelece como realidade *de facto*: uma ideologia e potência de realização que as ideias que foram um pensamento de força não adquirem para se oporem. Vai de encontro menos ao pensa-





mento e palavra que leva à lição de uma ética, de uma política, uma pragmática humanista (Rorty, Habermas, Davidson, Apel e Searle são nomes destes resultados), que a um pensamento sobre a mediação, esta mediação que surge entre dois elementos, quaisquer que eles sejam e cuja ligação tenha sido dada, na base de que é sempre possível introduzir um termo mediato para fazer melhor (melhor significa ter melhor controlo da entropia do sistema), quer dizer esta mediação que um qualquer esquema dicotómico dado pode aparecer assim numa série de mediatizações possíveis<sup>3</sup>. Para Lyotard a mediação não é efectivamente a ligação, pois essa ligação é sobretudo um pôr em causa da ligação, já que a mediação difere os elementos. O esquema mediatizado do desenvolvimento é uma alienação dos elementos quanto à ligação, relativamente às modificações possíveis e à fluidez das trocas entre os elementos, com regulação mais flexível e um mais permissivo modo de ligação, isto é, diferenciação. Relativamente à teorização do diferendo como escrita (escrita, porém, na ocorrência da inscrição do que não se deixa inscrever de modo nenhum), este Sistema que liga (se liga) é um seu apagamento, porque o seu principal motivo de escrita não é uma falta essencial – um incomensurável, inapresentável, inapreensível, inscrevível –, é, antes de mais, o seu desenvolvimento. Um desenvolvimento sem fim num meio tecnológico sem lugar e sem tempo, sem autor nem projecto, ou seja, a performatividade do Sistema mesmo. Desenvolvimento que se elabora como despertar de uma emancipação da razão, como realização de um possível que o gesto suspenso em política, *entre* a sua destinação e a sua realização, revela: sem exactidão de inscrição. O político, que não tem sentido senão como um gesto em suspenso, exclui-se do horizonte de inscrição do Sistema, e desde logo como jogo superior do pensamento.

<sup>3</sup> *Idem, L'inhumain, causeries sur le temps*, Paris, Éditions Galilée, 1988, p.14.



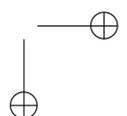
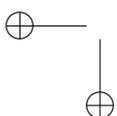


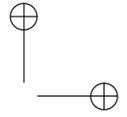
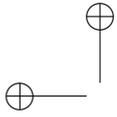
Do ponto de vista deste inumano sistémico das mediações tecnocientíficas que atravessa o mundo da vida há o «trabalho» pensamento, ou seja, traduz-se o conceito pelo encadeamento. A expressão de Lyotard: «O ‘conceito’ desempenha então o papel de transformador»<sup>4</sup>, acaba por vir dar conta da predominância de um pensamento tecnológico do pensamento. O objectivo próprio da filosofia de Lyotard é questionar essa área de um pensamento tecnológico. O pensamento é *téchnē* – é um fruto da implicação a uma inscrição que é a linguagem, ou de pressuposição das propriedades de denotação da linguagem (na sua transcrição simbólica), de recursividade (na capacidade indefinida de combinação dos sinais) e auto-referência (na tarefa de gerar novas frases - uma frase ocorreu, logo, como encadear?). Lyotard aproximar-se-á numa acção de *resistência* do domínio próprio desse inumano ainda por recuperar de um pensamento que o porá em contacto com a falta do ser que torna a presença agora, viva, inapreensível. Assim através de uma escrita e de uma arte da privação, da privação do encadeamento frásico e da forma estética, o saber aparecerá ligado à desapossessão. De facto, o inumano que reina nas fronteiras da resistência da escrita, literatura e arte – no diferendo – subtrai a representação da realidade. Este inumano aparece definido entre a indeterminação da razão e a razão instituída ou a instituir-se. É claro alguma presença, uma estranha presença, da passagem. Onde para o pensamento a relação com o que se relaciona altera-se profundamente. Porque a passagem não é decifrável no espelho das reflexões filosóficas. Isto significa que elas «tentam encontrar a ‘palavra que liberta’», como escreve Lyotard<sup>5</sup>. De novo: «talvez [porque] exista uma facilidade demasiadamente ampla em chamar clareira ao efeito do espelho claro do ser sobre o espelho do sendo»<sup>6</sup>. O charme do Um (uma expressão de Claude Lefort que aparece numa crítica do tota-

<sup>4</sup> *Id.*, p.45.

<sup>5</sup> *Id.*, p.66.

<sup>6</sup> *Ibidem.*





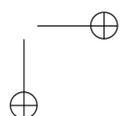
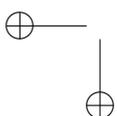
litarismo, no texto «Le corps interposé» escrito em *Passé-Présent*, nº3, abril 1984, acerca de 1984 de Orwell e referido por Lyotard em «Glose sur la résistance», texto 9 de *Le postmoderne expliqué aux enfants*). Talvez não haja a vocação da quebra. Ora a quebra é a força inumana em Lyotard, hesitação quanto ao que é e não é, a aflição de uma infância que promete os possíveis mas está desprovida de saber e de fazer, dos meios de transcender a falta –, das linhas de articulação das coisas, um movimento que vai de umas para as outras entre um movimento de fuga e um movimento de um agenciamento, à luz da expressão do *rizoma* de Deleuze<sup>7</sup>. O que é a resistência? Resistência é por um lado a escrita divergente (literária, artística) que embora signica não é produtora de um discurso de semiótica ou de fenomenologia e por outro lado a singularidade do sentimento de existir, a interposição do corpo no mundo, quer dizer, que manifesta um espaço que nenhum espaço pode incorporar e uma plasticidade e um *éros*, desligada. O discurso e o pensamento estão aí alojados, no corpo que se une ao mundo, segundo o que Lyotard diz em *Discours, figure* –, mas acha a interposição não uma comunicação, mas uma crítica. Sendo a crítica como Gérald Sfez diz: «Relação do espírito ao que lhe escapa agora e sempre»<sup>8</sup>. Ou como Lyotard escreveu em *Leçons sur l'analytique du sublime* do sentimento sublime: a relação desconcertante do pensamento com o objecto apresentado<sup>9</sup>. Daí as posições gerais de Lyotard quanto à relação do pensamento com o que não se relaciona com ele, definido como o *intratável* – para designar o que essencialmente relaciona todo o pensamento.

Dois eixos do inumano, eixo da escrita e eixo do corpo, organizam o inumano em relação à resistência. O fundamental para

<sup>7</sup> *Idem*, *Moralidades Postmodernas* [1993], 2ªed. trad. Augustín Izquierdo, Madrid, Tecnos, 1998, p.10.

<sup>8</sup> Gérald Sfez, «Les écritures du différend» in Dolorès Lyotard, et.al., *Jean-François Lyotard, l'exercice du différend*, Paris, PUF, 2001, (11-36), p. 26.

<sup>9</sup> Jean-François Lyotard, *Leçons sur l'analytique du sublime*, Paris, Éditions Galilée, 1991, p.71.





Lyotard parece ser manter a escrita num jogo que considere que a escrita supõe a presença do sentimento. A escrita-afecto vem corresponder à escrita fragmentária, onde a desconstrução é componente da significação. Por isso o mais que uma obra pode alcançar é a renúncia à produção de uma unidade do diverso na unidade de um discurso, bem como à última palavra sobre as coisas. E alcançar a renúncia de um eu unitário constituído – esta escrita fragmentária é o que excede a reflexão que queira significá-la. É pois preciso renunciar a constituir o seu lugar evasivo.

Inumano, o modo efectivo do humano, é, em Lyotard, o desapossamento referido necessariamente à experiência do existir e à escrita do diferendo. A sua interrogação é um modo de nos levar a ver o seu estado crítico hoje: o inumano nas condições da mediatização geral. Como será ele possível?

### Bibliografia

- Lyotard, Jean-François, *Le différend*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1983.
- Lyotard, Jean-François, *L'inhumain, causeries sur le temps*, Paris, Éditions Galilée, 1988.
- Lyotard, Jean-François, *Moralidades Postmodernas* [1993], 2.a ed., trad. Augustín Izquierdo, Madrid, Tecnos, 1998.
- Lyotard, Jean-François, *Leçons sur l'analytique du sublime*, Paris, Éditions Galilée, 1991.
- Gérald Sfez, «Les écritures du différend» in Dolorès Lyotard, *et.al., Jean-François Lyotard, l'exercice du différend*, Paris, PUF, 2001, (11-36).

